

HÁ 80 anos, chegavam os japoneses. Correio Popular, Campinas, 05 jun. 1988.

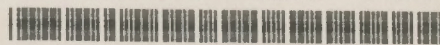
Há 80 anos, chegavam os japoneses

Para os brasileiros de hoje, já é uma convivência sem espantos, a descontração do karaokê, a delicadeza da culinária, a riqueza filosófica das artes marciais e até o exotismo das quadras de basebol, de disseminação mais recente. Mas tudo isso são aspectos de uma conquista lenta e - em grande parte, árdua - iniciada no dia 18 de julho de 1908, quando chegaram ao Brasil os primeiros imigrantes japoneses. No início, as provações foram suficientes para frustrar os sonhos de muitos deles, que imaginavam um

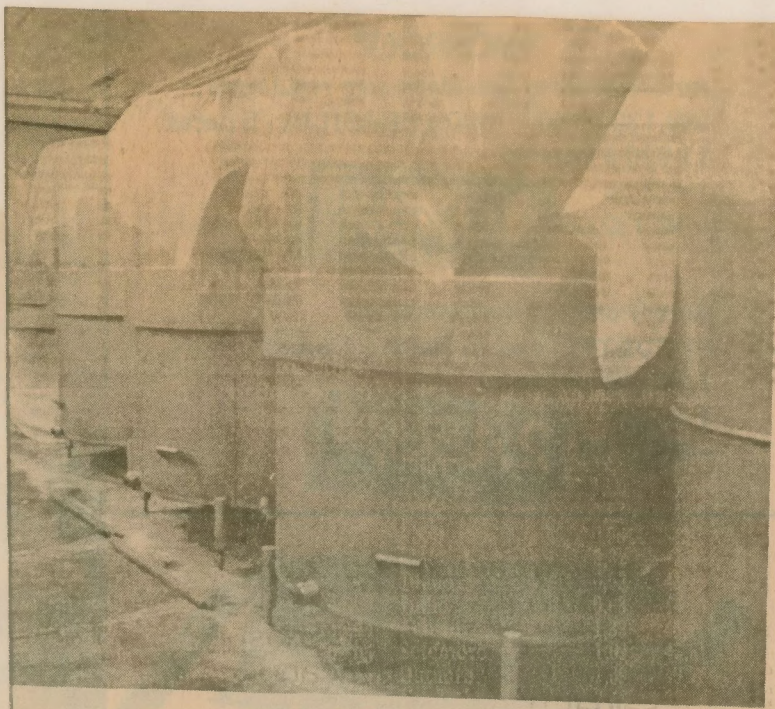
rápido e a conseqüente volta à terra natal. Dessa forma, o adeus ao Japão assumiu a plenitude da palavra "sayonara", que tem um sentido mais amplo, algo perto de "já que tem que ser assim, adeus". Mas agora, ao comemorar os 80 anos da imigração, ao longo dos quais os japoneses conquistaram espaço em todos os campos de atividades no Brasil, a comunidade serve para ilustrar, mais uma vez, a amplitude semântica de seu idioma, onde o ideograma indicativo de "crise" significa, a grosso modo, "momento de partir em outra direção".



Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE030682



Na Fazenda Tozan, a única fábrica de saquê do Brasil, com quase toda produção para consumo de restaurantes e imigrantes. A bebida, típica do Japão, e feita à base de arroz, leva seis meses para ser "curtida" pela técnica artesanal



HÁ 80 anos, chegavam os japoneses.
1988.

Correio Popular, Campinas, 05 jun.

Em 18 de junho de 1908, eles eram 781 e o aperto que passavam no convés do transatlântico Kasato Maru, que aportava em Santos, não diferia muito do que sentiam em sua própria terra natal, onde cerca de 100 milhões de japoneses, 80% trabalhadores rurais, partilhavam um território equivalente ao do Estado de São Paulo, com o agravante de ter apenas um terço de áreas agrícolas.

Desembarcavam num País com extensa área cultivável e sua imigração era financiada, em grande parte, pelos latifundiários brasileiros, principalmente ligados à cafeicultura, atividade que já vinha atraindo imigrantes europeus, como os italianos, que começaram a chegar no final do século passado. Juntamente com o pagamento das passagens de navio, os fazendeiros bombardeavam os imigrantes japoneses com promessas de terra para plantar e resultados rápidos. Ao desembarque, eram brindados com a verdade: o valor das passagens deveria ser ressarcido na forma de tempo de serviço e as condições de trabalho não fugiam muito do regime de escravidão que, até alguns anos antes de sua vinda, era reservada aos negros.

Até 1923, a imigração japonesa atingiu 30 mil trabalhadores e, no decorrer desses anos, muitos deles buscaram o meio urbano — basicamente o bairro da Liberdade, na capital — para fugir da dura realidade que viviam no campo. Entre 1924 e 1940, a imigração japonesa entra numa segunda fase, já com a intermediação dos governos do Japão e do Brasil. Essa “leva” pode ter encontrado melhor sorte, conseguindo pequenas glebas de terra, no interior de São Paulo, mas o sossego durou pouco: em 1924, com a eclosão da 2ª Guerra Mundial, colocando Japão e Brasil em campos inimigos, o ditador Getúlio Vargas desencadeou uma forte repressão à comunidade de imigrantes japoneses, começando por expulsar diplomatas e funcionários de empresas estatais japonesas e culminando com uma série de medidas restritivas, contra hábitos culturais e até o exercício do idioma (livros e discos foram incinerados, escolas desativadas e o imigrante que fosse apanhado falando em japonês corria o risco de ser preso pela polícia de Vargas).

Apenas na década de 50 Brasil e Japão reataram relações e dez anos depois, a terra de origem dos imigrantes entrava na via de reestruturação econômica, que resultou no

país altamente modernizado de hoje. Paralelamente, os imigrantes e seus descendentes foram rompendo os preconceitos e tornando-se elementos destacados em vários aspectos da vida brasileira. O último censo, realizado em 1987, apontou a existência de 110 mil imigrantes japoneses no Brasil, que se ramificaram em 800 mil nisseis (filhos), sanseis (netos), yonseis (bisnetos) e gosseis (tetranetos).

Mestre pesquisa identidade

No filme “Gaijin”, de Tizuka Yamasaki, uma velha imigrante não adaptada morre, delirando com o mar do Japão. Esse tipo de drama dos primeiros anos, fatalmente teria que desembocar numa crise de identidade para a maioria dos descendentes dos imigrantes. Com o objetivo de buscar um novo dimensionamento para esse problema, o mestrando em História da Unicamp, Rui Khan Sano, está desenvolvendo a pesquisa “Os imigrantes japoneses e seus descendentes nos anos 30 e 40 ou o nacionalismo japonês no nacionalismo brasileiro”.

Neto de imigrantes japoneses, Sano está na linha da diversidade de realizadores voltados para as discussões sobre a imigração, que, às vésperas do 8º aniversário, invadem a imprensa e o meio editorial, tendo sido entrevistado recentemente pelo Jornal da Unicamp, no qual confessou ser ele mesmo, uma vítima da crise de identidade, que identifica na maioria dos sanseis.

A tese dedica atenção especial ao processo de segregação que os imigrantes e seus descendentes mais diretos sofreram no período da 2ª Guerra Mundial, durante a ditadura Vargas. Um problema que renderia sequelas até hoje, lembrando o estudante que, “por seus traços culturais, o japonês é muito apegado à idéia de autoridade, o que deve explicar o silêncio da comunidade com relação ao período, em contraposição aos negros, que, por volta das comemorações da Abolição da Escravatura, organizaram atividades voltadas para desmistificar a data e resgatar as lutas reais dos escravos”.

Comemorações já começaram

Em Campinas, as comemorações relativas ao 80º aniversário da imigração japonesa revestem-se de um significado maior, pois, desde a gestão de Francisco Amaral há um intenso intercâmbio com Gifu, considerada "cidade irmã". O prefeito Magalhães Teixeira deverá visitar a cidade japonesa em agosto, por ocasião das comemorações do centenário da sua emancipação, retribuindo, assim, a visita recente do prefeito Hiroshi Makita e demais autoridades de Gifu a Campinas.

Inexistem estudos sobre o número de imigrantes japoneses residentes em Campinas e região, mas são bastante conhecidas as duas colônias agrícolas Tozan (25 famílias) e Pedra Branca (35 famílias). Entre elas, uma característica comum: nasceram, há mais de 30 anos, de uma iniciativa semelhante a uma reforma agrária, com os proprietários originais das terras dividindo as glebas e oferecendo facilidades na liquidação da dívida. Com um detalhe: o proprietário da colônia de Pedra Branca era um brasileiro, Jorge Ferreira Camargo.

Essa colônia se destaca comercialmente na região, pela produção de goiaba, pêssego, figo e couve-flor e a Tozan tem na floricultura sua atividade básica, dedicando-se ainda à produção de hortaliças, pêssego, manga, abacate e uva.

O 80º aniversário da imigração já vem sendo comemorado pelas colônias desde o início do ano, através de diversas atividades. No próximo dia 17, será celebrada uma missa na Catedral Metropolitana, às 19h30, em memória aos imigrantes falecidos; no dia 18 sairá uma caravana para o Estádio do Pacaembu, em São Paulo, para as comemorações oficiais e no dia 19, no Teatro Castro Mendes, haverá, das 14 às 18

horas, a apresentação do grupo folclórico musical "Minhou Sistsuo Dan", com entrada franca, mediante apresentação de convite.

Uma das atividades culturais e comunitárias das colônias japonesas na cidade é o jornal "Campinas Shimbu", que pretende resgatar a história da imigração, lembrar a participação da cultura japonesa no Brasil e divulgar as atividades e costumes da comunidade.

Paladar apurado dos imigrantes prefere o saquê

A única fábrica de saquê existente no Brasil está localizada na Fazenda Tozan (Monte D'Este, em japonês), em Campinas, e sua implantação, na década de 30, por determinação do barão Hisaya Iwasaki, presidente do grupo Mitsubishi, teve o objetivo de preservar os grupos pioneiros de imigrantes. Jogados numa terra estranha, com vários aspectos hostis, os japoneses recorriam à pinga, três vezes mais alcoólica do que a tradicional bebida oriental processada a partir do arroz.

Seguindo ainda a técnica artesanal, que demanda seis meses para a fabricação do saquê, mas apresentando uma linha bem mais diversificada de produtos alimentícios, a Indústria Agrícola Tozan é dirigida hoje por três japoneses chegados recentemente ao País: Michiru Sano (gerente), Hideki Maeda (subgerente e assessor técnico) e Kunio Sakurai (diretor-industrial). Lançam no mercado 230 mil litros de saquê, sendo que 50% dessa produção é destinada a consumidores brasileiros, na verdade, frequentadores de restaurantes japoneses. 45% é consumida pelas comunidades japoneses espalhadas pelo País e 1% é destinada à exportação.

HÁ 80 anos, chegavam os japoneses: pioneiro faz escola e vira brasileiro.
Correio Popular, Campinas, 05 jun. 1988.



Buei Iha: primeiro imigrante japonês em Campinas

Pioneiro faz escola e vira brasileiro

As datas e os nomes marcantes vêm com rapidez surpreendente para Buei Iha, de 84 anos, o primeiro imigrante japonês que fixou residência em Campinas, tornando-se o foco de atração de outros imigrantes, que viam no seu pioneirismo, um incentivo para a superação das barreiras da língua, da cultura e até dos preconceitos, que eram muitos, nos primeiros anos.

Veio para o Brasil com 18 anos, a convite do pai, que havia participado da primeira fase da imigração e, depois de muita andança pela região, sempre dedicado à lavoura, atividade que exercia também no Japão, Iha veio morar em Campinas (Fazenda Santa Genebra) em 1927. E casado há 56 anos com Haro Iha (72 anos), que chegou ao Brasil com dois anos de idade. Tiveram 11 filhos, 29 netos e três bisnetos.

Sua condição de primeiro imigrante a chegar a Campinas tornou-o merecedor da medalha "Pedro Álvares Cabral", mas Iha faz questão de definir "o momento em que me tornei brasileiro" a partir de um episódio, que exemplifica sua vocação comunitária. Segundo recordou, "na Fazenda Santa Genebra, já existiam umas 30 crianças e nenhuma escola. Reivindicávamos para o prefeito da época, que era o Miguel Vicente Cury, mas ele sempre dizia que a

prioridade era trator. Então organizei um mutirão e construímos uma escolinha, que funcionou durante muito tempo. Foi então que o delegado de ensino me disse: Iha, você é o melhor brasileiro que existe por aqui".

Sua vocação comunitária esteve sempre presente, tendo sido o fundador e primeiro presidente da Associação Okinawa — setor Campinas e desbravador de muito terreno baldio, para que a criançada pudesse desfrutar de um campinho de futebol, esporte que confessa gostar muito.

Naturalmente, nem todas as lembranças são agradáveis. Como a vez que viu um compatriota ser preso, nas proximidades do mercado de hortigranjeiros que funcionava no Largo das Andorinhas. Era no tempo da II Guerra e o rapaz, puxando uma carrocinha de verdura, cismou de gritar "banzai nihon" (viva o Japão). Estava acompanhado de filhos, que Iha foi obrigado a tomar conta, até que o problema se resolvesse, na polícia.

Hoje, aposentado, Buei Iha se dedica à confecção do instrumento japonês "chamisen", que leva, além de madeira, pele de cobra e fios de seda. O processo é totalmente artesanal e o instrumento é peça-chave nos festejos folclóricos da comunidade.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP
CMUHE030683